II Congresso Internacional das **Ciências Agrárias** COINTER - PDVAgro 2017

ETNOBOTÂNICA ENTRE COMUNIDADES URBANAS NO MUNICÍPIO DE SALGUEIRO- PE

Apresentação: Comunicação Oral

Cláudia Tatiane de Lima¹; Aretuza Bezerra Brito Ramos²

Resumo

Os quintais produtivos que perduram até hoje, mantem a responsabilidade de garantir o desenvolvimento sustentável, assim como o de perpetuar um importante hábito cultural, e a interação entre homem e planta, processo esse que se denomina por Etnobotânica. Neste contexto, o objetivo deste trabalho, foi realizar um comparativo florístico Etnobotânico em quintais de duas comunidades urbanas na cidade de Salgueiro-PE, com perfis distintos. A primeira, é composta por residências localizadas em Zona Especial de Interesse Social e a segunda, está localizada no Centro (Setor de Patrimônio Histórico da cidade), onde se estabelecem atividades comerciais e financeiras da cidade. A abordagem utilizada no estudo foi a quantitativa e qualitativa realizada através de entrevistas semi-estruturadas, entre os meses de Junho e Julho de 2017. Cento e vinte famílias foram aleatoriamente escolhidas para colaborar com a pesquisa, resultando na participação de 60 moradores em cada bairro. O levantamento dos dados foi desenvolvido em duas etapas: uma com a finalidade de reunir informações para traçar o perfil do responsável pelo quintal produtivo e a outra, para captar a percepção e os conhecimentos adquiridos e repassados, resgatando os saberes tradicionais, presentes em cada uma das comunidades. Foi observado então que as mulheres são as maiores envolvidas com o cultivo das espécies, apresentando uma faixa etária média de 56 anos, com nível de escolaridade baixo, uma vez que não concluíram o Ensino Fundamental. Ao todo 219 espécimes foram encontradas nas residências, distribuídas em 44 famílias, sendo com maior frequência a Araceae. As categorias apresentadas com maior frequência de usos foram Ornamentais (10% e 14%), Alimentícias (9% e 5%) e as Medicinais (5% e 4%). Certifica-se assim, a relevância desses espaços para a sociedade, firmando uma tradição de saberes etnobotânicos juntamente com o aproveitamento de uma variedade de alimentos de baixo custo de produção e que garantem a segurança alimentar e de saúde para as famílias em questão.

Palavras-chave: Quintais produtivos, Usos, Conhecimento tradicional.

Introdução

¹ Graduanda de Licenciatura em Ciências Biológicas, Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central, claudiatatiane@live.com

² Mestre em Gestão e Políticas Ambientais, Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central, brito.amos.ab@gmail.com

A Etnobotânica é a ciência que estuda as interações dinâmicas entre as plantas e o homem; consistindo também, na compreensão dos usos e as aplicações tradicionais dos vegetais pelas pessoas (AMOROZO, 1996).

Em função do desenvolvimento urbano instaurado, Diegues (2008) observou uma tendência à redução e ao desaparecimento dos conhecimentos tradicionais, motivados pela ação constante do processo de modernização. A partir dessa visão, o resgate dos conhecimentos Etnobotânicos tem merecido atenção especial, principalmente devido à aceleração no processo de aculturação e à erosão genética provocada pela forte pressão antrópica e do uso insustentável dos recursos naturais (FREITAS et al., 2012).

Tourinho e Silva (2016), afirmam que os quintais urbanos passam por constantes mudanças nas formas de ocupação e de uso do espaço, considerando as relações que envolvem o cotidiano nos modos de vida dos habitantes urbanos.

Nesse sentido, através do presente estudo, pretende-se realizar um levantamento comparativo entre duas comunidades urbanas no Município de Salgueiro, no Sertão Pernambucano, a fim de analisar suas pluralidades vegetacionais, suas respectivas utilidades, proporcionando a valorização, o resgate e a preservação de conhecimentos das plantas que foram ao longo do tempo acumulados pelas gerações.

Fundamentação Teórica

A história da Etnobotânica data de milhares de anos (ALBUQUERQUE, 2005), e segundo Prance (1991), se inicia a partir dos trabalhos de Carl Nilsson Linnaeu, que coletou dados referentes às culturas visitadas, os costumes de seus habitantes e o modo de utilização das plantas, sendo esses, relatados em diários durante suas viagens.

Esses registros históricos revelaram que na antiguidade, as propriedades das plantas, principalmente as medicinais, já eram conhecidas pelo homem, e seu uso popular sempre resultou de uma arte fundamentada em informações repassadas por sucessivas gerações (NASCIMENTO, 2008).

O Brasil é o país com a maior diversidade genética vegetal do mundo (BRASIL, 1998), contando com mais de 55.000 espécies catalogadas de um total estimado entre 350.000 a 550.000 (SIMÕES et al, 2004).

É importante ressaltar que, em todos os períodos da história de formação dos aglomerados urbanos, o quintal sempre marcou presença, sendo considerada parte característica do habitat residencial brasileiro, no que diz respeito aos aspectos físicos, culturais e simbólicos (SILVA, 2004).

Segundo Amorozo (2002), pesquisas nesses ambiente são importantes, uma vez que os quintais são unidades paisagísticas que abrigam diferentes formas de vida, onde são adotados manejos concebidos e executados de maneira harmoniosa, satisfazendo necessidades diversas.

Vale destacar que, há necessidade de se resgatar o conhecimento que a população urbana detém sobre o uso dos recursos naturais diante das diferentes culturas, da urbanização acelerada, da exploração dos ambientes naturais como também das possíveis influências sociais (PASA; SOARES; GUARIM NETO, 2005).

No entanto, apesar da expansão imobiliária em áreas urbanas, ainda persiste os sistemas de cultivo de múltiplas espécies de plantas, seja para fins medicinais, alimentícios, ornamentais e dentre outros, promovendo e sustentando econômico, nutricional e culturalmente milhões de famílias (GUTIMAN, 1987; SANCHES, 2004; TORREGGIANI; DALL'ARA; TASSINARI, 2012).

Ainda neste sentido, esses quintais com plantas promovem encontros e trocas, processos de socialização e relações de vizinhança, que poucos imaginariam existir e resistir nas cidades modernas impermeabilizadas. Esses espaços são considerados multirreferenciais a cada um dos integrantes e que engloba diversos aspectos objetivos e subjetivos, onde o sujeito emaranha-se em uma teia de relações intra e extra-familiares (CORTES, 2004).

Metodologia

A pesquisa foi realizada no município de Salgueiro- PE (Figura 1), localizada à 518 Km de sua capital Recife. Possui uma área territorial de 1.733,7 Km representando 1,7% de todo o estado, apresenta uma população estimada em aproximadamente 60.453 habitantes (BDE, 2017).

Os bairros, objeto de estudo, foram um integrante da Zona Especial de Interesse Social (ZEIS) e o outro sendo o mais antigo da cidade, definido por Setor de Preservação Histórica (SPH), onde está inserido o maior fluxo comerciário do município. Assim, para facilitar a escrita, nesse estudo serão utilizados os termos Bairro I referindo-se a ZEIS, e Bairro II ao SPH.

Os dados foram coletados entre os meses de junho e julho de 2017, utilizando uma abordagem qualitativa e quantitativa através de entrevistas informais e semiestruturadas, diretamente nos domicílios. Aleatoriamente, 60 famílias em cada uma das comunidades participaram da pesquisa, totalizando 120 colaboradores.

Entretanto, algumas pessoas mostraram desinteresse no envolvimento do estudo, sendo um morador no Bairro I, e sete no Bairro II, informações estas que foram utilizadas como dados estatísticos na formulação dos resultados e finalização desta pesquisa.

Figura 1: Localização do município de Salgueiro-PE, evidenciando as áreas de estudo (I – Bairro da Zona Especial de Interesse Social e II – Bairro no Setor de Preservação Histórica). Fonte: modificada do IBGE (2010) e Google Earth (2017).

As entrevistas ocorreram após o consentimento sendo acordado que, o responsável pelo manejo respondesse aos questionamentos. Amorozo (1996) justifica que o informante pode ser qualquer membro de uma sociedade que possua certa “competência cultural”, isto é, que detenha conhecimentos suficientes sobre a sua cultura para poder contribuir satisfatoriamente com a pesquisa.

Em ação contínua, foi realizada as entrevistas semiestruturadas compostas por duas etapas: a primeira (recebeu o título de Identificação do Informante) correspondente aos dados do entrevistado para identificação do perfil dos responsáveis pelas informações; e a segunda (denominada de Transmissão de Conhecimento - Observação das Plantas) composta por questões relacionada ao saber e o manejo das plantas cultivadas.

Logo que a entrevista era finalizada, e com a anuência do representante, os registros fotográficos dos espécimes eram executados, para o comprobatório amostral.

Para a identificação dos vegetais, foram utilizadas chaves de identificação e levantamento bibliográfico em literatura especializada. O sistema de classificação adotado neste trabalho foi o Angiosperm Phylogeny Group III (APG, 2009).

Resultados e Discussões

A participação feminina se mostrou bastante expressiva, tanto no Bairro I (com 87%), quanto no Bairro II (com 78% dos entrevistados). Esses resultados corroboraram com a pesquisa realizada por Ming (2006), onde foi identificado que a maioria das mulheres, por

cuidarem de suas casas, tem um maior contato com os quintais e, conseqüentemente, um maior conhecimento sobre as plantas cultivadas no local.

Os bairros atenderam aos critérios prioritários da entrevista, apresentando variações quanto à faixa etária. No Bairro I, essa variação ocorreu entre 17 à 92 anos, mas 47% correspondeu a faixa de idosos. Enquanto no Bairro II, o intervalo foi entre 18 e 69 anos, e assim como ocorreu no outro bairro, a dominância de faixa etária participativa nos cuidados com as plantas também foi de idosos (32%).

Amorozo (1996) confirma que, as gerações mais antigas conservam o conhecimento tradicional da utilização das plantas e à medida que os anos passam, os mais velhos tendem a entender mais sobre assuntos.

Em relação à escolaridade na ZEIS 35% da população possui o Ensino Fundamental incompleto, seguidos do Ensino Médio e não alfabetizados (20% e 15%, respectivamente), ressaltando que 80% dos entrevistados são advindos da zona rural e parte de suas vidas foram dedicadas ao campo.

No Bairro II, a população em sua maioria é decorrente da zona urbana (62% dos entrevistados), e a escolaridade dominante, também foi do Ensino Fundamental Incompleto (30%), mas somente nessa área foram identificadas pessoas com Ensino Superior (22%), inclusive com diplomas de Pós-graduação *Lato senso* (3%).

A realidade refletida quanto ao grau de escolaridade em cada bairro, pode estar diretamente ligada as suas zonas de proveniências, uma vez que a educação sempre esteve limitada quanto ao acesso, atrelada à falta de oportunidade ou tempo para continuar os estudos. Todavia, esse fator não interfere na relação dos entrevistados com o cultivo.

Tabela 1: Espécies vegetais encontradas nos quintais das comunidades, Santa Margarida (Bairro A) e Centro (Bairro B). Fonte: Própria. Legenda: A = Alimentício; C = Cosmético; M = Medicinal, O = Ornamental e S = Sombreamento.

Família/ Espécie	Nome Popular	Uso	Ocorrência (Bairro)
AMARANTHACEAE			
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Mastruz	M	I; II
AMARYLLIDACEAE			
<i>Allium fistulosum</i> L.	Cebolinha	A	I
<i>Hippeastrum</i> spp.	Amarílis	O	II
ANACARDIACEAE			
<i>Anacardium occidentale</i> L.	Cajueiro	A	I
<i>Mangifera indica</i> L.	Mangueira	A/ S	I
<i>Spondias purpurea</i> L.	Seriguela	A	I

Família/ Espécie	Nome Popular	Uso	Ocorrência (Bairro)
<i>Spondias tuberosa x mobin</i>	Umbu-cajá	A	I
ANNONACEAE			
<i>Annona reticulata L.</i>	Condessa	A	I
<i>Annona squamosa L.</i>	Pinheira	A	I
APOCYNACEAE			
<i>Catharanthus roseus (L.) G. Don.</i>	Bom-dia	O	I
<i>Allamanda cathartica L.</i>	Alamanda-amarela	O	II
<i>Allamanda blanchetii A. DC.</i>	Alamanda-vinho	O	II
<i>Nerium oleander L.</i>	Espirradeira	O	II
<i>Plumeria rubra L.</i>	Jasmim manga	O	II
ARACEAE			
<i>Dieffenbachia seguine (Jacq.) Schott</i>	Comigo-ninguém-pode	O	I
<i>Dieffenbachia spp.</i>	Comigo-ninguém-pode	O	I; II
<i>Eucharis grandiflora Planch & Linden</i>	Lírio	O	II
<i>Monstera deliciosa Liebm</i>	Costela-de-adão	O	I; II
<i>Spathiphyllum spp.</i>	Lírio-da-paz	O	I
<i>Caladium bicolor Schott</i>	Crote pingo de ouro	O	II
<i>Zantedeschia aethiopica (L.) Spreng</i>	Copo-de-leite	O	I
<i>Syngonium angustatum Schott</i>	Singônio	O	II
<i>Zamioculca zamiifolia (Lodd.) Engl.</i>	Zamioculca	O	II
ARECACEAE			
<i>Acrocomia aculeata (Jacq.) Lodd. ex Mart.</i>	Macaúba	A/ S	I
<i>Cocos nucifera L.</i>	Coqueiro		
<i>Dypsis lutescens (H.Wendl.) Beentje & J.Dransf</i>	Areca bambu (palmeira)	O	I; II
<i>Rhapis excelsa (Thunb.) A.Henry</i>	Palmeira rafis	O	II
ASPARAGACEAE			
<i>Nolina recurvata H.</i>	Água de elefante	M	I
<i>Sansevieria trifasciata (Dewild.) N. E. Br</i>	Espada-de-são-jorge	O	I; II
ASPARAGACEAE			
<i>Sansevieria cylindrica Bojer</i>	Cajá-de-são-jorge	O	I
<i>Cordyline terminalis (L.) Kunth.</i>	Dracena-vermelha	O	I
BIGNONIACEAE			
<i>Crescentia cujete L.</i>	Coité	S/ M	I
BROMELIACEAE			
<i>Ananas comosus (L.) Merr</i>	Abacaxi	A	I
CACTACEAE			
<i>Melocactus bahiensis (Britton & Rose) Werderm.</i>	Coroa-de-frade	O	I; II
<i>Soehrensia bruchii (Britton & Rose) Backeb</i>	Mini coroa-de-frade	O	II
<i>Schlumbergera truncata (Haw.) Moran</i>	Flor-de-maio	O	II
CARICACEAE			
<i>Carica papaya L.</i>	Mamoeiro	A	I; II

Família/ Espécie	Nome Popular	Uso	Ocorrência (Bairro)
COMBRATEACEAE			
<i>Quisqualis indica</i> L.	Três virtudes	O	II
COMMELINACEAE			
<i>Tradescantia pallida</i> (Rose) D.R.Hunt	Coração-roxo	O	I
CONVOLVULACEAE			
<i>Dichondra micranta</i> Urb.	Orelha-de-rato	O	I
CRASSULACEAE			
<i>Kalanchoe brasiliensis</i> Cambess	Malva-do-reino	M	I; II
<i>Kalanchoe blossfeldiana</i> Poelln.	Calandiva	O	I
DAVALLIACEAE			
<i>Nephrolepis</i> spp.	Samambaia	O	I
<i>Nephrolepis exaltata</i> Schott	Samambaia	O	II
EUPHORBIACEAE			
<i>Ricinus communis</i> L.	Mamona	O	I
<i>Euphorbia milii</i> L.	Coroa-de-cristo	O	II
<i>Caesalpinia echinata</i> Lam.	Pau-brasil	O	II
GESNERIACEAE			
<i>Episcia</i> spp.	Violeta vermelha	O	II
LAMIACEAE			
<i>Ocimum</i> spp.	Alfavaca	M	I
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim	M/ A	I; II
<i>Plectranthus</i> spp.	Anador	M	I
<i>Solenostemon scutellarioides</i> L.	Coração-de-índia	O	I
<i>Mentha</i> spp.	Hortelã	M	I; II
<i>Plectranthus barbatus</i> Andr.	Malva-santa/Boldo	M	I
<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjerição	M	II
LAURACEA			
<i>Persea americana</i> Mill	Abacateiro	A	I
MALPIGHIACEAE			
<i>Malpighia glabra</i> L.	Acerola	A	I
MALVACEAE			
<i>Hibiscus</i> spp.	Papoula	O	II
<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjerição	A	II
MARSILEACEAE			
<i>Marsilea quadrifolia</i> L.	Trevo	O	II
MELIACEAE			
<i>Azadirachta indica</i> A. Juss	Nim-indiano	O	I
MORACEAE			
<i>Morus</i> spp.	Amora	A	I
<i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam.	Jaqueira	A	I
<i>Ficus benjamina</i> Wall.	Ficus	S	I

Família/ Espécie	Nome Popular	Uso	Ocorrência (Bairro)
MUSACEAE			
<i>Musa spp.</i>	Bananeira	A	I; II
MYRTACEAE			
<i>Psidium guajava L.</i>	Goiabeira	A	I
<i>Eugenia uniflora L.</i>	Pitangueira	A	I; II
NYCTAGINACEAE			
<i>Mirabilis jalapa L.</i>	Bonina	O	I
OXALIDACEAE			
<i>Averrhoa carambola L.</i>	Carambola	A	I; II
OLEACEAE			
<i>Syzygium cumini (L.) Skeels.</i>	Oliveira	A	I
POACEAE			
<i>Cymbopogon citratus Stapf.</i>	Capim-santo	M	I; II
<i>Zea mays L.</i>	Milho	A	II
PASSIFLORACEAE			
<i>Passiflora edulis Sims.</i>	Maracujá	M/A	I; II
POLYPODIACEAE			
<i>Platynerium bifurcatum (Cav.) C.Ch.</i>	Chifre-de-veado	O	II
PORTULACACEAE			
<i>Portulaca grandiflora Hook.</i>	Onze horas	O	I; II
PHYLLANTHACEAE			
<i>Phyllanthus niruri L.</i>	Quebra-pedra	M	I; II
RHAMNACEAE			
<i>Ziziphus joazeiro Mart.</i>	Juazeiro	M/S	I
ROSACEAE			
<i>Rosa spp.</i>	Roseira	O	II
RUBIACEAE			
<i>Mussaenda alicia Hort.</i>	Mussaenda	O	II
RUTACEAE			
<i>Coffea spp.</i>	Café-branco/Cafezinho	O	I; II
<i>Citrus sinensis (L.) Osbeck</i>	Laranjeira	M/A	I; II
<i>Citrus limon (L.) Burm.</i>	Limoeiro	A	I; II
<i>Ruta graveolens L.</i>	Arruda	M	I; II
SOLANACEAE			
<i>Capsicum frutescens L.</i>	Pimenta-malagueta	A, O	I; II
<i>Capsicum spp.</i>	Dedo-de-moça	A	I
PUNICACEAE			
<i>Punica granatum L.</i>	Romã	M/ A	I
VERBENACEAE			
<i>Vitex agnus-castus L.</i>	Liamba	M	I
<i>Lippia alba (Mill.)N.E.Brown</i>	Erva-cidreira	M	I; II

Família/ Espécie	Nome Popular	Uso	Ocorrência (Bairro)
XANTHORRHOACEAE			
<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. F.	Babosa	C/ A/ M / O	I; II

O conhecimento sobre o uso de plantas é transmitido oralmente de geração a geração (AMOROZO 1996) por um processo de aquisição de comportamento, atitudes ou tecnologias, através da impressão, do condicionamento, ensino e aprendizagem, ou pelas combinações destes fatores (CAVALLI-SFORZA et al. 1992).

Os conhecimentos Etnobotânicos repassados culturalmente nos bairros estudados foram observados de maneira congruente a partir das entrevistas realizadas, onde foram registradas 93 espécies vegetais, distribuídas em 44 famílias (Tabela 1). Em relação às famílias mais frequentes, Araceae correspondeu a 9,68% das espécies identificadas e com 23 citações, seguida por Lamiaceae com 7,53% e 20 citações, Asparagaceae e Apocynaceae com 5,38% cada, com nove e cinco citações respectivamente, Anacardiaceae e Cactaceae representadas por 4,3% das espécies, cada uma com 11 e 13 citações, e Euphorbiaceae com 3,21% espécies com apenas uma citação cada. As demais famílias apresentaram uma ou duas espécies.

Desse modo, a população do Bairro II cultivava em sua maioria, plantas pertencentes à família Araceae, prevalecendo nos bairros o uso ornamental. As espécies dessa família mais citadas foram *Dieffenbachia seguine* (Jacq.) Schott e *Dieffenbachia* spp., conhecida vulgarmente como Comigo-ninguém-pode. Essa planta se consumida, poderá causar intoxicações devido à presença de cristais pontiagudos de oxalato de cálcio, que causam edemas na garganta e asfixias (BARCELLOS, 2005).

Em relação às espécies cultivadas e seus respectivos usos, os bairros em estudo apresentaram algumas semelhanças, sendo identificados cinco categorias (alimentício, ornamental, cosmético, medicinal e sombreamento).

Dentre as 93 espécies cultivadas, 25,8% ocorrem nos dois bairros, com destaque para a *Aloe vera* (L.) Burm. F., a babosa que além de ter sido encontrado nas duas áreas de estudo, foram identificados quatro usos distintos (Tabela 1). O uso dado a esta espécie é antigo e se encontra presente na literatura de diversas culturas, sendo o primeiro registro identificado em uma tabuleta de argila da Mesopotâmia datada de 2100 a.C. (ATHERTON, 1997).

As formas apresentadas com maior número de usos foram: ornamental (51%), alimentícia e medicinal (ambas com 20%) e de Sombreamento (1%), havendo diferenças significativas entre os bairros, mas predominância do uso ornamental em ambos e do uso

alimentício e medicinal no Bairro I. Amorozo (2002) relata que nas cidades mais industrializadas, a frequência de ocorrência de espécies de uso ornamental é notadamente mais elevada quando comparadas as outras categorias.

Em áreas com perfil rural, como se mostrou no bairro localizado na ZEIS, o uso de plantas com caráter medicinal e/ou alimentício, revelou-se superior comparado com esses mesmos usos observados no outro bairro. Esse resultado não corrobora com Amaral e Guarim Neto (2008) onde afirmam que, a frequência de plantas de uso com essas mesmas categorias em quintais urbanos e rurais ocorre, geralmente, em números equivalentes.

Figura 2: Espécies mais representativas cultivados nos quintais em Salgueiro-PE. Fonte: Própria. A - *Melocactus bahiensis* BRITTON & ROSE (Coroa-de-frade); B- *Dieffenbachia* spp (Comigo-ninguém-pode); C - *Mentha* spp. (Hortelã); D - *Mangifera indica* L. (Mangueira); E - *Sansevieria trifasciata* (Dewild.) N. E. Br (Espada-de-são-jorge); F - *Plectranthus barbatus* Andr. (Malva-santa).

Conclusão

A busca pela qualidade de vida têm proporcionado aos moradores dos bairros em estudo, em especial o que está localizado na ZEIS, o cultivo de plantas com natureza alimentícia e medicinal, uma vez que essas atividades estimulam um vínculo grandioso no que diz respeito à interação entre homem e vegetais. Esse bairro reflete os conhecimentos

condizentes ao seu perfil, onde o ar campestre, livres de aglomerados industriais, trouxe a essa comunidade um interesse maior em cultivar tais espécies, com o benefício desses alimentos estarem livres de fertilizantes, assim como a preferência pelas espécies vegetais que possuam propriedades curativas.

Diferentemente se apresentou o outro bairro em questão, cuja preferência foi pelo uso ornamental para tentar extrair a visão holística de que esses espaços proporcionam. Há nestas áreas, residências bem próximas a baixa qualidade de vida, devido à elevada temperatura que é justificada, entre vários motivos, pela concentração de prédios, asfaltos e concretos. Contudo, é indispensável notar que, em cada uma das localidades há vantagens e essa realidade reflete diretamente no uso e manejo das espécies vegetais.

Certifica-se assim, a relevância desses espaços para a sociedade, firmando uma tradição de saberes etnobotânicos juntamente com o aproveitamento de uma variedade de alimentos e medicamentos de baixo custo de produção e que garantem segurança para as famílias.

Referências

- ALBUQUERQUE, U. P. **Introdução a etnobotânica**. Rio de Janeiro: Interciência, 93 p. 2005.
- AMOROZO, M. C. M. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: DI STASI, L. C. (Org). **Plantas medicinais: arte e ciência – um guia de estudo interdisciplinar**. São Paulo: Editora UNESP, 1996.
- AMOROZO, M. C. M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Leverger, MT, Brasil. **Acta Botânica Brasílica**. n. 16, p: 189- 203, 2002.
- APG III. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG III. **Botanical Journal of the Linnean Society**, n. 161, N. 2, p: 105-121. 2009.
- ATHERTON, P. *Aloe vera* revisited. **The British Journal of Phytotherapy**, v.4, n.4, p.176-83, 1997.
- BARCELLOS D. C. **Dieffenbachia spp.** 2005. [S.I.] Disponível em: <<http://www.herbario.com.br/dataherb10/1612pot08.htm>>, Acesso em 03 de set de 2017.
- BRASIL. **Primeiro Relatório Nacional para a Conservação sobre Diversidade Biológica**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal, 1998.
- CAVALLI-SFORZA, L. L.; FELDMAN, M. W.; CHEN, K.H.; DORNBUSCH, S. M. Theory and observation in cultural transmission. **Science**, v. 218, p. 19-27. 1992.

CORTES, C. N. A casa, espaço familiar de primeiras e continuadas aprendizagens: um diálogo com professores/as indígenas. In: JACQUET, C.; COSTA, L. F. (orgs.). **Família em mudança**. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2004, p. 67-83.

DIEGUES, A. C. S. 2008. **O mito moderno da natureza intocada**. 4 ed. São Paulo: HUCITEC. 169 p.

FREITAS, A. V. L.; COELHO, M. de F. B.; MAIA, S. S. S. e AZEVEDO, A. B. de B. Plantas medicinais: um estudo etnobotânico nos quintais do Sítio Cruz, São Miguel, Rio Grande do Norte, **Revista Brasileira de Biociências**, v. 10, n. 1, p. 48-59, 2012.

GUTIMAN, P. Urban agriculture: The potential and limitations of an urban self-reliance strategy. **Food and Nutrition Bulletin**, v. 9, n. 2, p. 37–42, 1987.

BDE. **Estimativa da População residente**. 2017. Disponível em: <http://www.bde.pe.gov.br/visualizacao/Visualizacao_formato2.aspx?CodInformacao=288&Cod=3>. Acesso em: 20 set 2017.

MING, L. C. 2006. **Plantas medicinais na reserva extrativista Chico Mendes (Acre): uma visão etnobotânica**. São Paulo: Editora UNESP. 160 p

NASCIMENTO, A. P. B. Sobrepeso e obesidade: dieta, uso de recursos e adaptabilidade em populações humanas rural e urbana de Piracicaba, SP. 81p. [Tese de DOUTORADO – **Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz- ESALQ/USP**], 2008.

PASA, M. C., SOARES, J. J.; GUARIM NETO, G. Estudo etnobotânico na comunidade de Conceição-Açu (alto da bacia do rio Aricá Açu, MT, Brasil). **Acta Botânica Brasilica**, v. 19, n. 2, p. 195-207. 2005.

PRANCE, G. T. What is ethnobotany today ? **Journal of Ethnopharmacology**, v.32, p.209-216, 1991.

SILVA, L. Os quintais e a morada brasileira. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**. v. 11, n. 12, p:61-78. 2004.

SIMÕES, C. M. O.; SCHENKEL, E. P.; GOSMANN, G.; MELLO, J. C. P.; MENTZ, L. A.; PETROVICK, P. R. **Farmacognosia: da planta ao medicamento**. 5. ed. Porto Alegre: UFRGS/UFSC, 2004

TORREGGIANI, D.; DALL'ARA, E.; TASSINARI, P. The urban nature of agriculture: Bidirectional trends between city and countryside. **Cities**, v. 29, n. 6, p. 412– 416, 2012.

TOURINHO, H. L. Z.; SILVA, M. G. C. A. Quintais urbanos: funções e papéis na casa brasileira e amazônica. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v. 11, n. 3, p. 633-651, 2016.